



MARIA SOUZA CONSIDERA O ERRO UMA FALTA DE RESPEITO COM A FAMÍLIA, PORQUE QUANDO INTERNOU O FILHO ELA INFORMOU TODOS OS DADOS AO HOSPITAL

DF - Saúde

## SERVIÇO HOSPITALAR

# Hran comunica morte de paciente 17 horas depois

*Erro na rotina administrativa do Hospital Regional da Asa Norte provoca constrangimento entre familiares de um paciente que morreu depois de 50 dias de internação. Mesmo tendo preenchido a guia de atendimento, a empregada doméstica Maria Souza foi avisada da morte do filho somente 17 horas depois.*

Naiobe Quelem  
Da equipe do **Correio**

Falhas em procedimentos administrativos de hospitais públicos do Distrito Federal têm causado transtornos a familiares de pacientes. A inobservância de práticas rotineiras, como o não-preenchimento da guia de atendimento de emergência, transcrição incompleta dos dados do paciente para o prontuário e até falta de informação dos próprios funcionários do hospital explicam o constrangimento enfrentado por Maria Souza, de 52 anos. Mãe de Gutenberg Souza do Nascimento, de 32 anos — internado no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) durante 50 dias —, Maria recebeu o aviso da morte do filho depois de 17 horas do ocorrido.

“Gutenberg morreu no sábado, dia 1º de dezembro, às 23h55. Mas só ficamos sabendo no domingo, às 17h, quando o meu outro filho foi visitá-lo”, conta Maria. “Não deram nenhum telefonema. Isso é falta de respeito. Na ficha do hospital tinha nosso endereço e o número do telefone”, reclama a empregada doméstica, diante da tentativa do hospital de justificar a demora para a comunicação da morte de Gutenberg.

A chefe da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hran — onde Gutenberg ficou internado —, Marta Braúna Braga, sustenta a informação prestada aos familiares do paciente. “No relatório de plantão, consta que os pa-

### ROTINA DE ATENDIMENTO HOSPITALAR

■ *A menos que tenha consulta marcada, o primeiro atendimento do paciente é feito na emergência*

■ *Ao dar entrada no pronto-socorro, o hospital deve preencher uma ficha com todos os dados do paciente: nome, data de nascimento, endereço, telefone, nome dos pais ou responsáveis etc. É a guia de atendimento de emergência*

■ *Caso o paciente precise de ser internado ou vá direto para a unidade de terapia intensiva (UTI), a guia de atendimento dá origem ao prontuário, que deve acompanhá-lo durante todo o período de internação, seja nas clínicas ou em outras unidades do hospital*

■ *Em caso de morte, somente o médico pode explicar os motivos que ocasionaram o óbito do paciente*

■ *Nos hospitais públicos, assim que ocorre a morte do paciente o núcleo de internação e alta deve solicitar a presença da família*

■ *O núcleo de internação e alta não funciona durante a noite, nos feriados e finais de semana. Quando acontece alguma morte nesse período, a tarefa de avisar aos parentes fica a cargo do enfermeiro responsável pelo setor naquele plantão*

■ *O hospital deve esperar pelo menos 15 dias antes de registrar o óbito do paciente como indigente*

rentes não foram avisados por falta de número de telefone para o contato. Se a família não deixa telefone e não liga para saber notícias, fica difícil”, pondera. Na tentativa de justificar o ocorrido, o Hran informa, por meio da assessoria de imprensa, que, ao seguir para a UTI, os únicos dados que acompanham o paciente são o nome e a data de nascimento.

#### DADOS COMPLETOS

Isso, no entanto, não deveria acontecer. De acordo com o procedimento adotado pela Secretaria de Saúde do DF, o hospital deve preencher uma ficha com todos os dados do paciente que chega ao pronto-socorro. “Essa ficha chama-se guia de atendimento de emergência. Ela dá origem ao prontuário do paciente e deve acompanhá-lo

durante todo o período de internação, seja nas clínicas ou nas outras unidades do hospital”, explica a gerente de serviço social da Secretaria de Saúde, Elizabeth Camargo.

“Quando o paciente é encontrado no meio da rua sem documentos ou chega desacompanhado e não está em condições de prestar declaração, fica mais difícil. Mas esse não é o caso de Gutenberg”, afirma Elizabeth, que ao saber do ocorrido certificou-se da existência da guia de atendimento em nome do paciente. “Todos os dados estavam na ficha. Bastava a enfermeira de plantão ter consultado”, esclarece Elizabeth.

O atraso na comunicação da morte de Gutenberg levou a família a acreditar que o parente poderia ter sido enterrado como indigente, caso não tivessem

chegado ao hospital em tempo. “Não duvido de mais nada. Se para o hospital meu irmão não tinha nenhum responsável por ele, é porque, em outras palavras, se tratava de um indigente”, analisa o irmão de Gutenberg, Glaicon Souza do Nascimento, 18 anos.

As suspeitas dos familiares de Gutenberg fazem sentido. De acordo com a Promotoria de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-vida), no ano passado a promotoria recebeu quatro pedidos para autorizar enterros de pacientes como indigentes, sendo que todos tinham família. “Dois sepultamentos chegaram a ser realizados. Um deles era de um major do Corpo de Bombeiros, internado no Hospital Regional de Taguatinga (HRT)”, conta o promotor da Pró-vida, Diaulas Ribeiro. Os dois últimos não foram sepultados. “Ao receber os pedidos, mandei fazer autópsia e acionei a Polícia Civil para encontrar as famílias: um tinha família no Gama e o outro, no Núcleo Bandeirante”, lembra.

De acordo com Diaulas, a falha na comunicação de morte não constitui crime. “É irregularidade grave e indica que o sistema administrativo do hospital precisa passar por revisão”, analisa. Entretanto, ressalta que alguns tipos de negligência decorrem da falta de estrutura. “Eles não têm recursos, por exemplo, para localizar famílias de pessoas encontradas na rua. Quando se sabe o nome do paciente, o máximo que o hospital pode fazer é anunciar nos meios de comunicação. Por isso, estamos avaliando a possibilidade de ajudar a localizar essas famílias”, adianta Diaulas.

#### SERVIÇO

**PRÓ-VIDA**  
343-9609 (de segunda a sexta-feira, das 13h às 18h)

**OUVIDORIA DO GDF**  
0800-611-516 (de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h)